

Xenofobia ou Xenofilia: por uma Teologia Ecumênica da Migração*

*Luis N. Rivera-Pagán***

Tenho holandês, negro e inglês em mim e, ou
sou ninguém, ou sou uma nação
The Schooner 'Flight'
Derek Walcott

Para sobreviver às Regiões Fronteiriças
Deve-se viver *sin fronteras*
Ser uma encruzilhada
Borderlands/La Frontera: The New Mestiza
Gloria Anzaldúa

Em honra e homenagem a Zwinglio M. Dias

Um Arameu Migrante e Sem-lar

A primeira confissão de fé da Bíblia começa com uma história de peregrinação e migração: “Arameu prestes a perecer foi meu pai, e desceu para o Egito, e ali viveu como estrangeiro...” [Deuteronomio 26.5, ARA]. Ou, em outra versão: “O primeiro dos nossos antepassados foi um arameu que não tinha lugar certo onde morar. Ele foi com a família para o Egito, e ali eles moraram como estrangeiros” (BLH).

* Esta é uma versão ligeiramente ampliada e corrigida da Quarta Palestra Anual do Centro pelo Cristianismo Mundial, proferida por mim dia 8 de outubro de 2009 no Seminário Teológico de Nova Iorque. Tradução de Aduino Villela.

** Luis N. Rivera-Pagán é professor emérito de Ecumenismo no Seminário Teológico de Princeton, Estados Unidos. É autor de diversos livros, dentre os quais: *A Violent Evangelism: The Political and Religious Conquest of the Americas* (1992), *Mito, exílio y demonios: literatura y teología en América Latina* (1996), *Diálogos y polifonías: perspectivas y reseñas* (1999), *Essays from the Diaspora* (2002) e *Teología y cultura en América Latina* (2009).

Poderíamos perguntar: aquele arameu errante e sem-lar tinha a documentação apropriada para viver no Egito? Ele extrapolou talvez o prazo de seu visto de residência? Foi talvez um “estrangeiro ilegal”? Ele e seus filhos tinham direito à seguridade social do Egito? Ele e seus filhos tentaram ser atendidos gratuitamente pelo sistema de saúde à custa dos cidadãos egípcios? Eles falavam corretamente a língua egípcia?

Sabemos pelo menos que ele e seus filhos eram estrangeiros no meio de um império poderoso e que, nessa condição, eram tanto explorados quanto temidos. Esse é o destino de muitos imigrantes. Diante de sua situação econômica normalmente desfavorável, são forçados a realizar os tipos menos prestigiosos e mais pesados de trabalho manual. Porém, ao mesmo tempo, despertam a típica paranoia esquizofrênica dos impérios, poderosos e mesmo assim temerosos do estrangeiro, do “outro”, especialmente quando esse estrangeiro reside dentro de suas fronteiras e se torna populoso. Há mais de cinquenta anos, Franz Fanon descreveu brilhantemente o olhar característico que muitos franceses brancos lançavam aos negros africanos e caribenhos cada vez mais presentes em seu meio nacional.¹ Escárnio e medo entrelaçavam-se naquele olhar.

Continua a história bíblica de confissão de fé: “Mas os egípcios nos maltrataram, e afligiram, e nos impuseram dura servidão. Clamamos ao... Deus de nossos pais; e o Senhor ouviu a nossa voz e atentou para a nossa angústia... e para a nossa opressão” (26.6-7). Tão grande era a importância da história de migração, escravidão e libertação para o povo bíblico de Israel, que ela tornou-se o centro de uma liturgia anual de recordação e agradecimento. A já citada declaração de fé deveria ser solenemente recitada todos os anos na liturgia de ação de graças da festa da colheita. Ela reencenava a ferida memória das aflições e humilhações sofridas por um povo imigrante, estrangeiros no meio de um império; a lembrança de seu trabalho árduo e pesado, do desprezo e do escárnio que tantas vezes é o destino

¹ Franz FANON. *Peau Noir, Masques Blancs*.

do forasteiro e estrangeiro que possui uma pigmentação da pele, uma língua, uma religião ou uma cultura diferentes. Mas tratava-se também da memória de eventos de libertação, quando Deus ouviu os clamores dolorosos dos imigrantes sofredores. E a recordação de outro tipo de migração, em busca de uma terra em que pudessem viver em liberdade, paz e retidão, uma terra que pudessem considerar sua própria terra.

Poderíamos perguntar: quem poderia ser hoje os arameus nômades e qual nação poderia representar atualmente o Egito, um império forte, porém temeroso?

1. Dilemas e Desafios da Migração

Os Estados Unidos experimentam um crescimento significativo de sua população latino/hispânica. Em 1975, cerca de 11 milhões de hispânicos correspondiam a pouco mais de 5% dos residentes permanentes do país. Hoje, eles somam aproximadamente 47 milhões, cerca de 15% dessa nação, seu maior grupo minoritário. Projeções recentes estimam que, até 2050, a parcela latino/hispânica da população norte-americana poderá chegar a algo entre 26% e 32%. Esse crescimento demográfico converteu-se num complexo debate político e social, pois colocou em destaque questões delicadas, como a identidade nacional e conformidade com a lei. Ele também trouxe a ameaça de desencadear uma nova fase da triste e longa história de racismo e xenofobia nos Estados Unidos.² Duas preocupações ganharam importância no discurso público:

1. O que fazer em relação ao crescimento da migração ilícita? O influxo de imigrantes mexicanos ilegais, por exemplo, cresceu, de uma média estimada em 260.000 por ano entre 1990 e 1994, para aproximadamente 485.000 ao ano entre 2000 e 2004. Provavelmente cerca de um quarto dos adultos hispânico/latinos são imigrantes ilegais.

² Pyong Gap MIN. (Ed.). *Encyclopedia of Racism in the United States*. Um texto clássico sobre o nativismo norte-americano, de autoria de John HIGHAM, é *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism, 1860-1925*.

2. Quais as consequências desse extraordinário crescimento da população latino/hispânica para as tradições culturais e linguísticas dos Estados Unidos, seus costumes e estilos de autoidentificação coletiva?

Infelizmente, as conversas sobre essas difíceis questões acontecem num ambiente nublado pelo avanço gradual de atitudes xenófobas. Podem-se perceber sinais de uma reação cada vez mais hostil ao que o escritor mexicano-estadunidense Ricardo Rodríguez chamou de “acastanhamento da América”.³ Deixe-me sintetizar alguns dos elementos-chave dessa xenofobia emergente:

1. Há o que se poderia chamar de síndrome de Lou Dobbs: a propagação do medo em relação às chamadas “fronteiras partidas”, a possível proliferação de doenças epidêmicas do Terceiro Mundo e o suposto aumento das atividades criminosas praticadas por imigrantes ilegais.⁴ Um espectro sombrio e sinistro se cria na mente do público: a imagem de um “outro” intruso e ameaçador.

2. Essa postura xenófoba intensifica a atitude pós-11 de setembro, de medo e fobia em relação aos estrangeiros, essas pessoas que estão aqui, mas que não parecem pertencer a este lugar. A fiscalização da imigração cabe agora ao Ministério da Segurança Nacional. Tal fusão administrativa liga agora dois problemas basicamente não conectados: a ameaça de atividades terroristas e a migração ilegal.

3. Pode-se reconhecer claramente essa tendência no uso frequente do termo pejorativo “alienígena ilegal” (*illegal alien*, também traduzível por imigrante ilegal). Como se a ilegalidade não definisse um delito específico, mas todo o ser do migrante. Todos nós conhecemos as conotações terríveis e sinistras que “alienígena” tem na cultura norte-americana, graças em parte à série de quatro filmes chamados “Alien” [1979, 1986, 1992 e 1997], na qual Sigourney Weaver luta contra criaturas atroz.

4. Embora o racismo e a xenofobia estadunidense tenham se dirigido tradicionalmente a alvos diferentes (em primeiro lugar, a descendentes de africanos, fossem escravos ou cidadãos livres,

³ Richard RODRÍGUEZ. *Brown: The last Discovery of America*.

⁴ Cf. David LEONHARDT. *Truth, Fiction and, and Lou Dobbs*.

peças marcadas pela pigmentação escura de suas peles; em segundo lugar, a imigrantes nascidos no exterior, distinguidos por sua língua específica, sua religiosidade e sua memória coletiva), no caso dos imigrantes latino-americanos, ambos esses nefandos preconceitos convergem e se unem⁵ [como aconteceu também no século XIX com os empregados chineses contratados em troca da viagem e da subsistência, o que levou à infame Lei de Exclusão dos Chineses de 1882].⁶

5. Tem havido um aumento considerável de grupos anti-imigrantistas agressivos. De acordo com um relatório divulgado recentemente do Núcleo Jurídico para a Pobreza do Sul, “o número de ‘grupos nativistas extremistas’, organizações que extrapolam a simples defesa de políticas imigratórias restritivas e partem para o confronto direto ou o molestamento de imigrantes, subiu de 173 em 2008 para 309 no ano seguinte [2009]. Praticamente todos esses grupos de *vigilantes* surgiram a partir da primavera de 2005”.⁷

6. As propostas provenientes da Casa Branca, do Congresso, dos estados e dos condados tendem a ser excessivamente punitivas. Eis alguns exemplos:

a. O projeto de um muro ao longo de parte da fronteira com o México [compare isso com Efésios 2.14: “Cristo... tendo derribado a parede da separação que estava no meio”].

b. O enquadramento como crime grave não apenas da imigração ilegal, mas também de qualquer ação por parte de residentes em situação legal que auxiliem imigrantes sem documentos.⁸

⁵ George M. FREDRICKSON. *Diverse Nations: Explorations in the History of Racial & Ethnic Pluralism*.

⁶ Stuart Creighton MILLER. *The Unwelcome Immigrant: The American Image of the Chinese, 1775-1882*.

⁷ Mark POTOK. *Rage in the Right*.

⁸ Esse foi um dos artigos mais polêmicos da “Lei da Proteção das Fronteiras, Antiterrorismo e Controle da Imigração Ilegal de 2005” (H. R. 4437), projeto que foi aprovado pelo Congresso, mas não pelo Senado dos Estados Unidos. Diversos líderes religiosos manifestaram objeção a ela. Roger Mahoney, cardeal e arcebispo católico romano de Los Angeles, em artigo publicado em 22 de março de 2006 no *New York Times*, com o título “Called by God to Help” (“Chamado por Deus para ajudar”), afirmou que “negar auxílio ao próximo é violar uma lei com autoridade mais elevada que a do Congresso: a lei de Deus”, e advertiu que os padres de sua diocese desobedeceriam a lei caso o projeto fosse aprovado.

c. Leis prescrevendo detenção e deportação obrigatórias de não-cidadãos, mesmo por supostas violações menos graves da lei. O famoso e polêmico projeto de lei do Arizona intitulado Projeto 1070 do Senado é exemplar dessa tendência infame.

d. Leis obrigando um aumento nas medidas punitivas contra empregadores. Nos final das contas, os imigrantes sofrerão os maiores sacrifícios.

e. Leis com propostas de restringir o acesso de migrantes ilegais a serviços públicos (de saúde, educação, proteção policial, assistência jurídica, carteiras de motorista).

f. Alguns proeminentes políticos de direita sugeriram a possibilidade de revisar a primeira seção da décima quarta emenda da Constituição dos Estados Unidos.⁹ O objetivo deles, ao que parece, é despojar os filhos de imigrantes de seu direito constitucional à cidadania. Uma campanha contra os chamados “*anchor babies*” (“bebês-âncoras”) tem sido parte inseparável da mais estridente campanha xenófoba há anos.

g. Uma intensificação considerável de batidas policiais, detenções e deportações. Isso está transformando várias comunidades migrantes em uma subclasse clandestina de medo e dissimulação, o que nos traz à memória o famoso programa de deportação de mexicanos, autorizado em 1929 pelo presidente Hebert Hoover. Tal programa, segundo alguns acadêmicos, levou à deportação forçada de aproximadamente um milhão de pessoas de origem mexicana, muitas das quais eram cidadãs norte-americanas.¹⁰

⁹ Eis a primeira frase do mencionado artigo: “Todas as pessoas nascidas ou naturalizadas nos Estados Unidos, e sujeitas à jurisdição deste país, são cidadãs dos Estados Unidos e do Estado em que residem”. A segunda frase do mesmo artigo 1º também ocupou o centro das atenções em outra discussão muito importante nos Estados Unidos, a de saber se os princípios do “devido processo legal” e da “igualdade perante a lei” impedem a proibição por lei do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Eis a segunda frase: “Nenhum Estado deverá criar ou aplicar qualquer lei que reduza os direitos ou as garantias dos cidadãos dos Estados Unidos; nem deverá privar qualquer pessoa de sua vida, liberdade ou propriedade, sem o devido processo legal; nem negar a qualquer pessoa que se encontre em sua jurisdição a igualdade perante a lei”.

¹⁰ Abraham HOFFMAN. *Unwanted Mexican Americans in the Great Depression: Repatriation Pressures, 1929-1939*; Francisco BALDERRAMA; Raymond RODRÍGUEZ. *Decade of Betrayal: Mexican Repatriation in the 1930s*.

Não nos esqueçamos do momento exato do discurso do presidente Obama numa sessão conjunta do Congresso [9 de setembro de 2009] em que um congressista da Carolina do Sul gritou: “mentira!” Essa ultrajante falta de decoro se deu logo que o presidente disse que imigrantes ilegais poderiam se beneficiar do sistema universal de saúde que estava sendo proposto. A assistência de saúde para imigrantes ilegais parece estar competindo como os chamados *death panels* (“comitês da morte”) enquanto arma preferida por aqueles que se opõem à reforma do sistema de saúde, ou, ao menos, pelos setores mais reacionários e beligerantes desses grupos.

A xenofobia e o impulso de apontar o “estrangeiro em nosso meio” como bode expiatório resultaram na situação caótica que contamina o sistema de imigração nos Estados Unidos, jurídica, política e socialmente. Todas as tentativas recentes de promulgar uma ampla reforma na imigração tropeçaram na resistência de setores influentes que têm conseguido propagar com eficiência o medo do “alienígena”, do “estrangeiro”.¹¹ O crescente apoio que tal ansiedade fóbica contra os “de fora” parece gozar entre setores importantes do público norte-americano traz à mente a observação astuta e crítica feita por Alexis de Tocqueville na década de 1830: “não conheço qualquer país em que haja tão pouca independência verdadeira de opinião e liberdade de discussão quanto os Estados Unidos da América... Nos Estados Unidos, a maioria ergue barreiras formidáveis à liberdade de opinião”¹².

2. De um Conflito de Civilizações a um Conflito de Culturas

Nesse contexto tendente à xenofobia e ao racismo, o saudoso Professor Samuel P. Huntington escreveu alguns textos

¹¹ Matthew SOERENS e Jenny HWANG apresentam um resumo sucinto e preciso das mais recentes tentativas frustradas de promover uma reforma jurídica e legislativa abrangente da imigração no livro *Welcoming the Stranger: Justice, Compassion & Truth in the Immigration Debate*, p. 138-158.

¹² Alexis de TOCQUEVILLE. *Democracy in America*, p. 192.

importantes sobre aquilo que considerava uma ameaça hispânico/latina à integridade cultural e política dos Estados Unidos. Huntington foi professor eminente de política e governo da Ivy League, tendo sido diretor fundador do Instituto John M. Olin de Estudos Estratégicos da Universidade de Harvard, diretor da Academia de Estudos Internacionais e Regionais, e co-fundador da revista *Foreign Policy* [Política Estrangeira]. Ele foi também o progenitor intelectual da teoria do “conflito de civilizações”¹³, com consequências notórias para as desastrosas políticas de relações exteriores da Casa Branca de Bush.

Em 2004, Huntington publicou um extenso artigo na *Foreign Policy*, intitulado “The Hispanic Challenge”¹⁴ (“O desafio hispânico”), ao qual seguiu-se um livro volumoso: *Who are We? The Challenges to America’s National Identity* [Quem somos nós? Os desafios à identidade nacional norte-americana].¹⁵ O ex-profeta de um abismo e um conflito civilizacionais inevitáveis entre o Ocidente e o Resto do Mundo (em especial os povos islâmicos) agora se faz de apóstolo que proclama um nefando conflito cultural emergente nos Estados Unidos. Mergulhado num perigoso conflito de civilizações *ad extra*, esse mensageiro da morte prognosticava que os Estados Unidos adentravam também um doloroso conflito de culturas *ad intra*.

O *nós* da primeira parte do título do livro de Huntington [*Quem somos nós?*] remete ao “nós” de “Nós, o Povo dos Estados Unidos”, a primeira frase da Constituição de 1789, e também, antes deste, ao “nós” do último parágrafo da Declaração de Independência de 1776 [“Nós... os Representantes dos Estados Unidos da América, reunidos em Congresso Geral... publicamos e declaramos solenemente...”]. O mito dos “Pais Fundadores” da República é central para a tese de Huntington. Eles fundaram e definiram a essência perene da nação norte-americana.

¹³ Samuel P. HUNTINGTON. The Clash of Civilizations? *Foreign Affairs*, Summer 1993, v. 72, n. 3, p. 22-49; Idem. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 1996.

¹⁴ Id. The Hispanic Challenge, p. 30-45.

¹⁵ Id. *Who are We? The Challenges to America’s National Identity*.

A identidade nacional norte-americana parece ser uma questão muito complexa, pois se relaciona com uma história extremamente intrincada e altamente diversificada. Mas, para nossa surpresa, Huntington tem uma resposta simples: os Estados Unidos são identificados principalmente pela sua “cultura anglo-protestante” e não apenas por seus princípios políticos liberais e republicanos. Os Estados Unidos são uma nação de colonos, mais do que de imigrantes, de acordo com esse eminente professor de Harvard. Os pioneiros britânicos transportaram para lá não apenas seus corpos, mas também seus pontos de vista culturais e religiosos mais fundamentais, aquilo que Huntington chama de “cultura anglo-protestante”. Na formação dessa identidade coletiva, a devoção cristã (os peregrinos congregacionais, o protestantismo dissidente, os despertares evangélicos) foi significativa e crucial. Essa identidade nacional também foi forjada por uma longa história de guerra contra uma série de inimigos (dos índios aos islâmicos do *jihad*).

Cristianismo e guerra são, assim, as fontes históricas da construção social na identidade nacional norte-americana, de acordo com essa interpretação. Eles forneceram os rituais, os símbolos e as cerimônias (bandeira, declaração de independência, promessa solene de obediência, hino nacional, desfiles militares patrióticos) cruciais para forjar um senso coletivo de lealdade comunal. Há uma certa nostalgia romântica na tese de Huntington, uma ênfase nas fundações da cultura e da identidade norte-americanas, em suas continuidades, mais do que em suas evoluções.

Mas o principal objetivo de Huntington é sublinhar as incertezas das tendências atuais em relação ao autoentendimento coletivo de sua nação. Ele observa que, após a dissolução da ameaça soviética, houve um descaso significativo com a identidade nacional norte-americana. Se o mundo inteiro se transformou à imagem da cultura popular estadunidense e dos conceitos de mercado livre e política democrática, não há mais “outro” contra quem forjar a singularidade da identidade norte-americana, a famosa “excepcionalidade norte-americana”. A

identidade nacional parece exigir a imagem de um adversário perigoso, aquilo que Huntington denomina o “inimigo perfeito”. A tendência predominante nos Estados Unidos é, supostamente, uma tendência de declínio e perda notáveis de intensidade e importância da consciência de identidade e lealdade nacionais.

Mas então surge a ameaça sinistra da invasão migratória latino-americana. Esta não se assemelha às ondas migratórias anteriores. Sua contiguidade, intensidade, falta de educação, memória territorial, retorno constante à terra natal, preservação da língua, retenção da cultura pátria, lealdade nacional e cidadania, seu afastamento da cultura anglo-protestante, sua suposta ausência de uma ética puritana do trabalho, tornam-na única e sem precedentes. Essa imigração constitui, de acordo com Huntington, “uma das principais ameaças em potencial à integridade cultural e política dos Estados Unidos” (FP, 33; WAW, 243). Esse professor de Harvard descobriu e deu nome ao mais novo “inimigo perfeito” dos Estados Unidos da América... o migrante latino-americano!

3. Uma Crítica a Huntington

Essa é uma perspectiva romântica, nostálgica e, de certa forma, melancólica da identidade nacional norte-americana, muito mal adequada à perspectiva cosmopolita necessária hoje para resolver conflitos internacionais de forma pacífica. O que exatamente ele quer dizer com “cultura anglo-protestante”?

De acordo com Huntington, católicos italianos, irlandeses e poloneses viraram católicos norte-americanos e foram de algum modo assimilados à “cultura anglo-protestante”. Por um processo semelhante de integração passaram os imigrantes ortodoxos orientais da Rússia, Grécia, Bulgária, Ucrânia [lembra do filme “O franco atirador”?] e os asquenazes falantes de iídiche da diáspora judaica. Mas, se todos eles viraram “anglo-protestantes” embora mantendo suas próprias tradições e memórias religiosas, até mesmo realizando seus “casamentos gregos”, qual então o

significado semântico específico de “anglo-protestante”, além do fato de que o inglês prevaleceu como língua franca e de que todos esses imigrantes parecem compartilhar uma adesão comum à livre iniciativa e ao republicanismo democrático? A “cultura anglo-protestante” se transforma em lema vago de nebulosa imprecisão semântica.

Poder-se-ia detectar em Huntington, em relação à migração latino-americana, uma atitude hostil aparente e inicialmente direcionada aos trabalhadores mexicanos pobres, mas, como indica sua análise dos prósperos imigrantes cubanos de Miami, tal atitude abarca no final toda a população latino/hispânica dos Estados Unidos. Essa comunidade passa a ser o temido “outro”, uma imagem temível que desempenha um papel bastante ambíguo e paradoxal: ela parece ameaçar a integridade cultural dos Estados Unidos, mas, inversamente, poderia também convocar a nação a preservar sua pureza cultural e resistir à sua potencial contaminação pelos intrusos.

É intensa a frustração de Huntington quanto à invasão da língua espanhola na vida pública norte-americana. Ele chama atenção para o fato de que, em alguns estados, cada vez mais crianças estão sendo batizadas José, em vez de Michael. Ele também parece incomodar-se porque muitas empresas, antes de qualquer outro procedimento, apresentam uma seleção eletrônica prévia: “inglês ou espanhol?”. Esse crescente bilinguismo público ameaça fragmentar a integridade linguística estadunidense. A bifurcação linguística se transforma num verdadeiro Godzilla ameaçador.

Obviamente, Huntington exagera ao enfatizar o problema linguístico. Existem por certo dificuldades linguísticas, ocasionadas em parte pelas dificuldades da ortografia e da fonética inglesas (pois, como escreveu com acerto o autor argentino Ernesto Sabato, “o inglês é uma língua inventada por piratas iletrados que escreviam Londres e pronunciavam Constantinopla”¹⁶). Porém, a verdade é que a maioria dos hispânicos tenta dominar o inglês e assimilar o “*American way of life*” (o que quer que signifique

¹⁶ Ernesto SABATO. *Abaddón el exterminador*, p. 207.

esse lema vago]. Mas, paradoxalmente, Huntington também está preocupado porque os hispânicos, tornando-se bilíngues, levariam vantagem para conseguir emprego em muitos centros urbanos. Assim, o mesmo professor de Harvard que nutre esperanças de que os norte-americanos lembrem e celebrem sua cultura, sua língua e suas tradições espera que os hispânicos esqueçam as suas o mais rápido possível. Não é preciso dizer mais nada sobre coerência professoral!

Huntington negligencia completamente as causas econômicas da migração latino-americana, seus benefícios financeiros e sociais tanto para as nações de origem (remessa de valores)¹⁷ quanto para as nações de destino (salários mais baixos para trabalhos manuais).¹⁸ Ele não parece ter qualquer preocupação quanto ao processo pelo qual eles passam a ser nossos novos *douloi* e *μέτοικοι*, servos às margens de nossa sociedade, num tipo de *apartheid* social, limpando nossas lojas, preparando nossas refeições, lavando nossos pratos, cortando nossa grama, colhendo nossos tomates e laranjas, pintando nossos prédios, lavando nossos carros, ficando fora de nosso caminho...

De maneira incrível, Huntington desdenha a suposta falta de ética do trabalho dos imigrantes. Qualquer um de nós, basta olhar nossas instituições, poderia relatar histórias incontáveis de imigrantes do México, da Guatemala e de qualquer outro país latino-americano com dois trabalhos em tempo integral, mais outros de meio expediente, às vezes sem seguro-saúde, sem férias nem quaisquer benefícios de aposentadoria. E eles continuam seguindo em frente, olhando à noite com nostalgia “*la misma luna*” que seus filhos olham do outro lado da fronteira.

Huntington também se esquece da história de violência e subjugação por trás de um segmento substancial da população

¹⁷ Dilip RATHA. Dollars Without Borders: Can the Global Flow of Remittances Survive the Crisis?: “A remessa de valores está se revelando um dos elementos mais resilientes da economia global em baixa e tem chances de desempenhar um papel importante no desenvolvimento econômico e na recuperação de muitos países pobres”.

¹⁸ Essa é uma falha grave em muitas críticas etnocêntricas de questões de imigração segundo Francisco Javier BLÁZQUEZ RUIZ. Derechos humanos, inmigración, integración. In: José A. ZAMORA. (Coord.). *Ciudadanía, multiculturalidad e inmigración*, p. 86, 93.

latino/hispânica dos Estados Unidos. Como podemos falar dessas pessoas sem mencionar a anexação militar, no século XIX, de várias províncias mexicanas, a ocupação de Porto Rico em 1898 e o sofrimento que muitas nações latino-americanas suportaram por causa da hegemonia estadunidense no século XX? Já esquecemos as situações enfrentadas por El Salvador, Guatemala e Nicarágua durante o governo Reagan?

Huntington confunde os efeitos da atual tendência, entre as diásporas metropolitanas do Terceiro Mundo, de possuir dupla cidadania. Um número cada vez maior de nações latino-americanas agora reconhece e incentiva a dupla cidadania, um processo que leva a lealdades nacionais e culturais múltiplas e àquilo que Huntington classifica, em tom desdenhoso e pejorativo, como “povos &”. Dupla cidadania, Huntington reconhece com acerto, leva a lealdades e identidades duplas. Isso, supostamente, viola o Voto de Lealdade e rompe a exclusividade da Promessa de Lealdade. Ele até menciona um jogo de futebol entre México e Estados Unidos, em 1998, em que os norte-americanos mexicanos torciam contra o time dos Estados Unidos e a favor daquele do México, como prova supostamente irrefutável da principal ameaça emergente contra a lealdade nacional.

Huntington é dogmático ao falar o óbvio: que existe um problema grave de imigração nos Estados Unidos e que esse problema coloca em primeiro plano questões delicadas de identidade nacional e cumprimento da lei. Mas a forma como focaliza essa complicada situação social ofusca sua análise. Ele parece sugerir políticas mais severas em relação à migração ilegal, medidas mais duras para forçar a assimilação cultural dos imigrantes legais e a rejeição da dupla cidadania. Isso seria não somente arcaico e anacrônico ao extremo; isso poderia também se tornar a base teórica sub-reptícia para uma nova onda de nativismo branco xenófobo.¹⁹

¹⁹ Uma análise substancialmente mais nuançada e intelectualmente complexa dos diferentes aspectos da imigração nos Estados Unidos é oferecida por Alejandro PORTES e Rubén G. RUMBAUT em *Immigrant America: A Portrait*.

O trem já partiu dessa estação obsoleta. O que se faz necessário agora é uma aceitação mais ampla e um maior aproveitamento das identidades e lealdades múltiplas e, caso a compaixão religiosa de fato importe, uma preocupação mais profunda com os fardos e as dores das pessoas deslocadas. Chegou a hora de vencer a fobia da diversidade e aprender a valorizar e aproveitar a dignidade da diferença.²⁰ Pois, como afirmou recentemente Dale Irving, “o mundo real em que vivemos... é um mundo de migrações transnacionais, de identidades hifenizadas e híbridas, de conjunções e disjunções culturais...”²¹

Huntington dá ênfase excessiva às peculiaridades da imigração latino-americana de hoje. Afinal de contas, mesmo Benjamin Franklin afirmou certa vez sobre os migrantes alemães: “tenho grandes receios quanto a esses imigrantes alemães por causa de seu espírito de união, seu pouco conhecimento do inglês, sua pressa e sua necessidade crescente de intérpretes...”. E, em 1855, o então governador do Massachussets, Henry J. Gardner, acusou os imigrantes irlandeses de invadirem seu estado como uma “horda de estrangeiros bárbaros”. Dessa “horda de estrangeiros bárbaros” saiu, aliás, a eminente família Kennedy, entre muitas outras.

A sugestão de Huntington de se complementar a “segurança nacional” com uma “segurança social” poderia acabar por estreitar substancialmente os horizontes do pluralismo e da diversidade cultural norte-americana. Seria essa uma meta desejável numa época em que, em cidades extremamente grandes como Nova Iorque, Los Angeles e Chicago, tantos mundos tão diferentes convivem e se misturam em grande proximidade? Eu, pelo menos, acho que não.

Huntington salienta com acerto que, em assuntos públicos e políticos norte-americanos, cultura e religião são cruciais. De fato, importam tanto quanto distinções de etnicidade, de raça e de gênero. Contudo, assim como seus pontos de vista sobre

²⁰ Cf. Jonathan SACKS. *The Dignity of Difference: How to Avoid the Clash of Civilizations*.

²¹ Dale IRVIN. *The Church, the Urban and the Global: Mission in an Age of Global Cities*, p. 181.

o “conflito de civilizações” eram convenientes para uma nova cruzada contra o islã, sua visão posterior de um “conflito de culturas” poderia ser conveniente para uma nova inquisição persecutória, primeiro contra migrantes latino-americanos, mas, possivelmente, também contra seus primos: os cidadãos latino/hispânicos ou residentes legais dessa nação.

Houve momentos e lugares cruciais em que eminentes intelectuais ocidentais contribuíram de forma trágica, com sua aura de autoridade e prestígio cultural, para um ambiente social de xenofobia intensa. O discurso inaugural (*Rektoratsrede*) de Martin Heidegger como reitor da Universidade de Freiburg, proferido em 1933, é um exemplo famoso. Ao discutir o significado e a importância da universidade para futuro da nação alemã, ele afirmou ominosamente: “O mundo espiritual de um *Volk* não é sua superestrutura cultural, tampouco o é seu arsenal de conhecimento e valores úteis; antes, é o poder que vem da preservação no nível mais profundo das forças que estão enraizadas no solo e no sangue de um *Volk*...”.²² *Volk*, “solo e sangue” foram palavras de ordem do nacionalismo militarista promovido pelos nazistas alemães. Foram tempos em que o regime nacional-socialista estava começando a deixar muito claro que algumas pessoas eram vistas como perniciosos “outros”, agentes perigosos da contaminação das forças espirituais dinamicamente enraizadas em “solo e sangue” teutônicos e que, por causa disso, tinham que ser excluídos ou mesmo exterminados. Huntington com certeza não é nenhum Heidegger, mas também emprestou de boa vontade seu capital simbólico e cultural a uma tendência social xenófoba potencialmente perigosa num momento da história de sua nação em que algumas pessoas, os imigrantes latino/hispânicos, estavam sendo vistas por muitos como agentes estrangeiros da contaminação.

²² Martin HEIDEGGER. The Self-Affirmation of the German University, p. 29-38 [citação das páginas 33-34]. O texto em alemão do *Rektoratsrede* encontra-se reproduzido no livro de Martin HEIDEGGER. *Gesamtausgabe*. Band 16, p. 107-117. Quanto à polêmica sobre a atitude de Heidegger em relação ao nacional-socialismo alemão, veja Dominick LaCAPRA. *Representing The Holocaust: History, Theory, Trauma*, p. 137-168.

Os latino/hispânicos representam verdadeiramente “uma das principais ameaças em potencial à integridade cultural e política dos Estados Unidos”, como afirmou Huntington? Eu não creio que ele tenha provado ou que pudesse provar essa hipótese. Se isso é algo a lamentar, censurar ou comemorar, depende dos olhos do observador. Os meus, devo confessar, são muito críticos. Talvez, apenas talvez, não houvesse um resultado tão negativo se os imigrantes latinos de fato se revelassem dramática e decisivamente “uma das principais ameaças em potencial à integridade cultural e política dos Estados Unidos”.²³

4. Xenofilia: em Direção a uma Teologia Ética e Ecumênica da Migração

Migração e xenofobia são dilemas sociais sérios. Mas carregam também desafios urgentes para a sensibilidade ética de religiosos e todos que têm boa vontade. O primeiro passo a ser dado é perceber tal questão da perspectiva dos imigrantes, prestar atenção cordial (quer dizer, do fundo de nossos corações) às suas histórias de sofrimento, esperança, coragem, resistência,

²³ Contudo, devo ao menos admitir que Huntington reconhece a premência decisiva da grande imigração latino-americana para a integridade cultural e política dos Estados Unidos. Cornel West, em outro texto fundamental publicado em 2004, continua preso à tradicional dicotomia racial brancos/negros e é incapaz de perceber a importância e os perigos da xenofobia e do nativismo como resposta chauvinista à imigração. Cornel WEST. *Democracy Matters: Winning the Fight Against Imperialism*. Existiria uma forma conceitual de erigir uma ponte sobre as preocupações dos guetos afro-americanos, que lutam contra o racismo baseado na cor da pele, e os *barrios* latino/hispânicos, que enfrentam um insidioso desdém cultural? Ambas as comunidades sofrem pela falta de reconhecimento de sua genuína dignidade humana, a qual deveria encerrar mais do que a simples tolerância de seus traços culturais distintivos, e de suas privações sócio-econômicas e falta de poder político. Uma dialética perenemente complexa e difícil de ser alcançada entre reconhecimento cultural e redistribuição sócio-econômica poderia ser a chave para resolver esse grave dilema. Cf. Nancy FRASER; Axel HONNETH. *Redistribution or Recognition? A Political-Philosophical Exchange*. É bastante indicativo o fato de Ernesto LACLAU e Chantal MOUFFE enfatizarem essa dialética no prefácio da nova edição de seu famoso *Hegemony and Socialist Strategy: Toward a Radical Democratic Politics*, p. xviii: “Um dos princípios centrais de *Hegemony and Socialist Strategy* [Hegemonia e estratégia socialista] é a necessidade de criar uma série de equivalências entre as diversas lutas democráticas contra a subordinação... para tentar resolver as questões tanto de ‘redistribuição’ quanto de ‘reconhecimento’”.

engenhosidade e, como acontece tantas vezes nos desertos do sudoeste norte-americano, morte. Muitos dos migrantes ilegais se transformaram em *nobodies* (ninguéns), no apropriado título do livro de John Bowe²⁴, ou *disposable people* (pessoas descartáveis), na expressão pungente de Kevin Bale²⁵: nossos novos μέτοικοι, *douloi*, servos modernos. Eles poderiam, na verdade, ser classificados como um novo tipo de empregado contratado em troca da viagem e da subsistência. Sua situação existencial terrível só pode ser compreendida ao se levar em consideração o aumento rápido e abrupto das desigualdades globais nestes tempos de hegemonia financeira internacional não-regulada. Para muitos deles, a alternativa excruciante que se apresenta é sofrer em sua terra natal no Terceiro Mundo ou ser marginalizado no rico Oeste/Norte, duas coisas intimamente ligadas.²⁶

Será que os latino/hispânicos, nas primeiras décadas do século XXI, vão se transformar nos novos bodes expiatórios nacionais? Eles representam mesmo “uma das principais ameaças em potencial à integridade cultural e política dos Estados Unidos”? Uma hispânica corajosa e inteligente, criada com dificuldades em El Barrio, no Bronx, agora ministra da Suprema Corte, precisa cumprir penitência só porque afirmou ter uma “sábua latina” o direito de romper o privilégio exclusivo de homens brancos de formar juízo sobre controversas questões constitucionais e jurídicas? Esse é um dilema vital que os Estados Unidos, até o momento, foram incapazes de enfrentar e resolver. Não cabe a nós, aqui e agora, resolvê-lo. Mas permita que eu, de minha perspectiva de teólogo cristão hispânico/latino-americano, faça algumas observações críticas que talvez possam iluminar nosso caminho nesse labirinto desconcertante.

Começamos este artigo com a profissão de fé e a lembrança litúrgica anual de uma época em que o povo de Israel era

²⁴ John BOWE. *Nobodies*. Modern American Slave Labor and the Dark Side of the New Global Economy.

²⁵ Kevin BALES. *Disposable People*. New Slavery in the Global Economy.

²⁶ Branko MILANOVIC. *Global Inequality and the Global Inequality Extraction Ratio: The Story of the Past Two Centuries*; Peter STALKER. *Workers Without Frontiers: The Impact of Globalization on International Migration*.

estrangeiro no meio de um império, uma comunidade vulnerável, socialmente explorada e escarnecida culturalmente. Essa foi a pior das épocas. Ela se transformou também na melhor das épocas: aquela da libertação e redenção da escravidão. Essa lembrança moldou a sensibilidade da nação hebraica em relação aos estrangeiros, os alienígenas, dentro de Israel. A vulnerabilidade deles era um lembrete de seu próprio desamparo enquanto imigrantes no Egito, mas, também, um desafio ético, cuidar dos estrangeiros dentro de Israel.²⁷

Cuidar do estrangeiro tornou-se um elemento essencial da Torá, o acordo de justiça e retidão entre Jeová e Israel. “Se o estrangeiro peregrinar na vossa terra, não o oprimiréis. Como o natural, será entre vós o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-eis como a vós mesmos, pois estrangeiros fostes na terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Levítico 19.33s); “Também não oprimirás o forasteiro; pois vós conheceis o coração do forasteiro, visto que fostes forasteiros na terra do Egito” (Êxodo 23.9). “Pois o Senhor, vosso Deus, é o Deus dos deuses... que faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestes. Amai, pois, o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito” (Deuteronômio 10.17s). “Não oprimirás o jornaleiro pobre e necessitado, seja ele teu irmão ou estrangeiro que está na tua terra e na tua cidade... Não perverterás o direito do estrangeiro... Lembrar-te-ás de que foste escravo no Egito e de que o Senhor te livrou dali...” (Deuteronômio 24.14, 17-18). As doze imprecações que Moisés, de acordo com a narrativa ficcional do Deuteronômio 27, ordena que os israelitas proclamem liturgicamente ao entrarem na terra prometida, incluem a tríade composta por órfãos, viúvas e estrangeiros enquanto alvos privilegiados de solidariedade e compaixão: “Maldito aquele que perverter o direito do estrangeiro, do órfão e da viúva” (Deuteronômio 27.19).

²⁷ Cf. José E. RAMÍREZ KIDD. *Alterity and Identity in Israel: The “ger” in the Old Testament*.

Os profetas censuravam constantemente as elites governantes de Israel e Judá por sua injustiça social e sua opressão contra as pessoas vulneráveis. Quem eram essas pessoas? Os pobres, as viúvas, as crianças sem pai e os estrangeiros. “Eis que os príncipes de Israel... nada mais intentam, senão derramar sangue... praticam extorsões contra o estrangeiro e são injustos para com o órfão e a viúva” (Ezequiel 22.6s). Após condenar com as palavras mais duras possíveis a apatia e a inércia da religiosidade de templo em Jerusalém, o profeta Jeremias, em nome de Deus, impõe a alternativa: “se deveras praticardes a justiça... se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva... eu vos farei habitar neste lugar” (Jeremias 7.5-7).

A ordem divina para cuidar do estrangeiro foi a matriz de uma ética da hospitalidade. Como prova de sua retidão, Jó testemunhou que “o estrangeiro não pernoitava na rua” pois ele sempre suas “portas abria” para abrigar o estrangeiro (Jó 31.32). Foi a violação do código de hospitalidade sancionado divinamente que levou à terrível destruição de Sodoma (Gênesis 19.1-25).²⁸ A tentação perene é a xenofobia. A ordem divina, consagrada na Torá é a xenofilia, o amor por aqueles que amiúde achamos difícil amar: os forasteiros, os alienígenas, os temporários hóspedes estrangeiros.

A ordem para amar e cuidar dos hóspedes e residentes estrangeiros na terra de Israel emerge de dois fundamentos.²⁹ Um já foi mencionado: os israelitas também foram hóspedes e residentes estrangeiros em terra alheia (“porque fostes estrangeiros na terra do Egito”) e deveriam, por isso, ser sensíveis à complexa tensão existencial de comunidades que vivem no meio de uma nação cujos cidadãos dominantes falam

²⁸ A transgressão do código de hospitalidade por Sodoma fazia parte de uma cultura de corrupção e de opressão, segundo Ezequiel 16.49: “Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e próspera tranquilidade teve ela e suas filhas; mas nunca amparou o pobre e o necessitado”. A explicação homofóbica da pecaminosidade de Sodoma, que levou ao termo sodomia, é uma interpretação posterior. Cf. Mark D. JORDAN. *The Invention of Sodomy in Christian Theology*.

²⁹ José CERVANTES GABARRÓN. El inmigrante en las tradiciones bíblicas. In: José A. ZAMORA. (Coord.). *Ciudadanía, multiculturalidad e inmigración*, p. 262.

uma língua diferente, veneram outras divindades, compartilham tradições distintas e celebram memórias históricas diferentes.

Uma segunda fonte para a ordem de cuidado para com o imigrante estrangeiro é que isso corresponde ao modo de agir de Deus na história: “O Senhor guarda o peregrino” (Salmo 146.9)³⁰, “Deus... faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro...” (Deuteronômio 10.18). Deus toma partido na história, favorecendo os mais vulneráveis: os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros. “Serei testemunha veloz... contra os que defraudam o salário do jornaleiro, e oprimem a viúva e o órfão, e torcem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos” (Malaquias 3.5).

Seria muito reconfortante parar bem aqui, com esses belos textos de xenofilia, de amor bíblico ao estrangeiro. Mas a Bíblia costuma ser um livro desconcertante. Ela contém uma multiplicidade perturbadora de vozes, uma polifonia espantosa que muitas vezes complica nossa hermenêutica teológica. Não apenas porque encontramos na Bíblia perspectivas diferentes para muitos dilemas éticos chave, mas porque essas perspectivas são com frequência incompatíveis, até mesmo contraditórias. Às vezes pulamos de nossos labirintos contemporâneos para um labirinto bíblico, e ficamos mais perplexos ainda.

Na Bíblia hebraica também descobrimos declarações de sabor clara e desagradavelmente nacionalista e xenófobo. Normalmente o Levítico 25 é lido como o texto clássico para a libertação dos israelitas que haviam caído em escravidão. De fato, é assim. Mas ele também contém uma distinção nefanda: “Quanto aos escravos ou escravas que tiverdes, virão das nações ao vosso derredor; delas comprareis escravos e escravas. Também os comprareis dos filhos dos forasteiros que peregrinam entre vós, deles e das suas famílias... e vos serão por possessão... Perpetuamente os fareis servir, mas sobre

³⁰ Esse trecho merece ser citado integralmente: “O Senhor liberta os encarcerados. O Senhor abre os olhos aos cegos, o Senhor levanta os abatidos, o Senhor ama os justos. O Senhor guarda o peregrino, ampara o órfão e a viúva, porém transtorna o caminho dos ímpios” (Salmo 146.7-9).

vossos irmãos, os filhos de Israel, não vos assenhoreareis com tirania, um sobre os outros” (Levítico 25.44-46). E o que dizer do destino horrível imposto às viúvas estrangeiras (e seus filhos) nos epílogos de Esdras e Neemias? Elas são mandadas embora, exiladas, como fontes de impureza e contaminação da fé e da cultura do povo de Deus. Sem mencionar as regras atrozes de guerra que prescreviam servidão forçada ou aniquilação dos povos encontrados no caminho de Israel para a “terra prometida” (Deuteronômio 20.10-17). Todos esses, na expressão apropriada de Phyllis Trible, são “textos de terror”.³¹

O problema de alguns livros de orientação evangélica como *Welcoming the Stranger* (Acolhendo o estrangeiro), de Matthew Soerens e Jenny Hwang, e *Christians at the Border: Immigration, the Church, and the Bible* (Cristãos na fronteira: a imigração, a Igreja e a Bíblia), de M. Daniel Carroll R.³², é que sua estratégia hermenêutica bíblica evita completa e intencionalmente aqueles textos que poderiam ter conotações xenófobas. Esses dois livros, por exemplo, narram o projeto pós-exílio de reconstruir Jerusalém, física, cultural e religiosamente, conforme se lê em Neemias³³, mas silenciam sobre a expulsão das viúvas estrangeiras, uma parte importante desse projeto (Esdras 9-10, Neemias 13.23-31). A rejeição de viúvas estrangeiras por Esdras e Neemias não parece muito diferente do nativismo anti-imigrantista moderno: aquelas viúvas estrangeiras têm uma herança linguística, cultural e religiosa diferente [“Seus filhos... não sabiam falar judaico, mas a língua de seu respectivo povo. Contendi com eles, e os amaldiçoei, e espanquei alguns deles, e lhes arranquei os cabelos” (Neemias 13.24-25)].

Esse paradoxo é um *modus operandi* contínuo e irritante da Bíblia. Vamos à Bíblia em busca de soluções simples e claras para nossos enigmas éticos, mas ela revida exacerbando nossa

³¹ Phyllis TRIBLE. *Texts of Terror: Literary-Feminist Readings of Biblical Narratives*.

³² M. Daniel CARROLL R. *Christians at the Border: Immigration, the Church, and the Bible*.

³³ Matthew SOERENS; Jenny HWANG. *Welcoming the Stranger: Justice, Compassion & Truth in the Immigration Debate*, p. 85, p. 98; M. Daniel CARROLL R. *Christians at the Border: Immigration, the Church, and the Bible*, p. 83-84.

perplexidade. Quem disse que a Palavra de Deus deveria facilitar as coisas? Mas, será não esqueci alguma coisa? Afinal de contas, este texto foi escrito originalmente para uma atividade organizada e patrocinada por um Seminário Protestante, o Seminário Teológico de Nova Iorque. E se algo distinguiu a Reforma Protestante foi sua ênfase cristológica. *Solus Christus*, afinal de contas, era o princípio mais importante da Reforma. E quanto ao Cristo e o estrangeiro?

A parábola do julgamento das nações, no Evangelho segundo Mateus (23.31-46), é puro Jesus clássico. Trata-se de um texto cujas conotações me recuso a reduzir ao confinamento eclesiástico atual, excessivamente comum e limitador. Jesus rompe, como adorava fazer, os antigos critérios de valor ético e mérito religioso marcando a diferença entre as ações humanas que evidenciam sacramentalmente amor divino pelos fracos e vulneráveis e as demais. Quem, de acordo com Jesus, há de receber a bênção divina e herdar o reino de Deus? Aqueles que, em suas ações, cuidam de famintos, sedentos, desnudos, doentes e aprisionados, em resumo, aqueles que cuidam dos seres humanos marginalizados e vulneráveis. Mas, também, aqueles que acolhem os estrangeiros, que os recebem com hospitalidade; aqueles que são capazes de superar exclusões nacionalistas, o racismo e a xenofobia, e que são corajosos o bastante para acolher e abraçar o estrangeiro, essas pessoas em nosso meio que porventura tenham a cor da pele, a cultura, a língua e as origens nacionais diferentes. Eles são os mais fracos dos fracos, os mais pobres dos pobres, ou, na linguagem poética e profética de Jesus, os “mais pequeninos”.³⁴

Por quê? Surge então uma afirmação chocante: porque eles são, em sua fraqueza e vulnerabilidade, a presença sacramental do Cristo. “Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes...” (Mateus 25.35). Os

³⁴ Veja o documentário comovente, de Clark LYDA e Jesse LYDA. *The Least of These* (Os mais pequeninos) [2009].

seres humanos vulneráveis transformam-se, misteriosamente, na presença sacramental do Cristo em nosso meio.³⁵

Quando, naquela nação poderosa e imperial, seus cidadãos acolhem e abraçam o imigrante, que lá reside e trabalha com ou sem os documentos exigidos pelas autoridades instituídas, eles são abençoados, pois estão acolhendo e abraçando Jesus Cristo, o Senhor. Esses imigrantes são seres humanos concebidos e criados à imagem de Deus, merecendo pleno reconhecimento dessa condição, tanto na letra da lei quanto no espírito da praxe social.

Verifica-se uma tendência, entre número excessivo de estudiosos e líderes públicos, de elaborar discursos que tratam os imigrantes principalmente ou mesmo exclusivamente como trabalhadores, cujo trabalho pode ou não contribuir para o bem-estar econômico dos cidadãos norte-americanos. Esse tipo de discurso público tende a objetificar e desumanizar os imigrantes. Qualquer que seja a importância dos fatores econômicos para a nação de destino (que em geral, como no caso dos Estados Unidos, costuma ser extremamente rica), de uma perspectiva ético-teológica, a preocupação principal deveria ser o bem-estar existencial dos “mais pequeninos”, dos membros mais vulneráveis e marginalizados da humanidade de Deus, dentre os quais se encontram os que residem temporariamente longe de sua terra natal, constantemente examinados pelo olhar provocador e aviltante de tantos cidadãos nativos.

Uma das principais preocupações a impulsionar e espalhar a desconfiança contra estrangeiros residentes é o medo das possíveis consequências sobre a identidade nacional, entendida como uma essência histórica já bem estabelecida. Vimos essa preocupação na afirmação de Samuel P. Huntington de que a imigração latino-americana é “uma das principais ameaças em potencial à integridade cultural e política dos Estados Unidos”.

³⁵ Quanto a Mateus 25.31-46, estou de acordo com os estudiosos, tal como Cervantes GABARRÓN. *El inmigrante en las tradiciones bíblicas*, p. 273-275, que interpretam “os mais pequeninos” como referência aos pobres, os desapossados, os marginalizados e oprimidos, e discordo daqueles que limitam sua denotação aos discípulos de Jesus, tal como M. Daniel CARROLL R. *Christians at the Border: Immigration, the Church, and the Bible*, p. 122-123.

Esse é um receio que se espalhou por todo o mundo ocidental, disseminando atitudes hostis contra comunidades de visitantes e estrangeiros já marginalizados e despojados de direitos. Essas pessoas são vistas como fontes de “contaminação”. O que se esquece é que, em primeiro lugar, as identidades nacionais são construtos históricos formados diacronicamente por trocas entre pessoas que possuem heranças culturais diferentes e, em segundo lugar, pela alteridade cultural, pelo intercâmbio social com o “outro”; o que pode e deve ser uma fonte de renovação e enriquecimento de nossa própria autoconsciência nacional. A história já mostrou as tristes consequências do etnocentrismo xenófobo. Há ligações muito profundas entre xenofobia e genocídio.³⁶ Como escreveu tão adequadamente Zygmunt Bauman: “grandes crimes quase sempre partem de grandes ideias... Nessa categoria de ideias, a noção de pureza ocupa lugar de honra”.³⁷

Precisamos contrabalançar a xenofobia que contamina o discurso público nos Estados Unidos e em outras nações ocidentais com uma perspectiva acolhedora, que rejeita a exclusão do estrangeiro, do imigrante, do “outro”³⁸, uma perspectiva à qual dei o nome de *xenofilia*, um conceito que abrange hospitalidade, amor e cuidado para com o estrangeiro. Em tempos de crescente globalização econômica e política, em que, numa megalópole como Nova Iorque, muitas culturas, línguas, memórias e heranças diferentes convergem³⁹, a *xenofilia* deveria ser nosso dever e nossa vocação, como uma afirmação de fé não apenas de nossa humanidade comum, mas também da prioridade ética aos olhos de Deus daqueles seres vulneráveis que vivem na sombra e às margens de nossas sociedades. Afinal de contas, o símbolo mais duradouro e afetuoso de Nova Iorque é a Estátua da Liberdade, em cujo pedestal encontra-se gravado o

³⁶ Amin MAALOUF. *In the Name of Identity: Violence and the Need to Belong*.

³⁷ Zygmunt BAUMAN. *Postmodernity and Its Discontents*, p. 5.

³⁸ Cf. Miroslav VOLF. *Exclusion and Embrace: A Theological Exploration of Identity, Otherness, and Reconciliation*.

³⁹ William SCHWEIKER. *Theological Ethics and Global Dynamics In the Time of Many Worlds*.

famoso poema de Emma Lazarus (*O novo Colosso*) convocando a nação a abraçar os infortunados do mundo...

Diferente do gigante de grega fama
Cujos pés triunfais tocam dois continentes,
Bem aqui, nos portões deste mar do poente,
Ficará majestosa a mais forte das damas

Segurando uma tocha, e ela se chama
Mãe dos exilados. De suas mãos conducentes
Luzirão para o mundo inteiro candentes
Boas-vindas às gêmeas cidades-alfamas.

“Guardai glórias e pompas, torrões ancestrais!
Dai a mim vossos pobres e infortunados”,
Ela grita com lábios silentes: “Mandai

Vosso vulgo que anseia ser livre e honrado.
Trapei, ó tempestade, os que lar não têm mais,
O portão que esta tocha ilumina é dourado!”

Os Estados Unidos têm uma tendência a desempenhar o papel de Patrulheiro Solitário. Contudo, a migração e a xenofobia são problemas internacionais que afetam quase toda a comunidade mundial; precisam, pois, serem entendidas e enfrentadas a partir de um contexto mundial. A deportação de ciganos na França e em outras nações europeias é um sinal infeliz dos tempos. Comunidades ciganas estão sendo expulsas de nações em que são alvo de escárnio, desprezo e medo, para outras nações onde têm sido tradicionalmente maltratadas, desdenhadas e marginalizadas. Elas são os perenes bodes expiatórios nacionais, cujo destino infeliz é há muito silenciado.⁴⁰ Também seria bom comparar a situação norte-americana com a situação predominante em várias nações europeias onde a coexistência difícil e às vezes tensa de cidadãos e imigrantes

⁴⁰ Cf. COMISSÃO EUROPEIA. Roma in Europe: The Implementation of European Union Instruments and Policies for Roma Inclusion. [Relatório de Progresso 2008-2010]. Bruxelas: 7 de abril de 2010. SEC(2010) 400 final.

ressoa os conflitos historicamente complexos entre a Cruz e o Crescente, pois acontece de muitos estrangeiros serem muçulmanos, veneradores de Alá, estando, assim, sujeitos a formas mais insidiosas de xenofobia e discriminação.⁴¹

A migração é um problema internacional, uma dimensão relevante da globalização moderna.⁴² A globalização envolve não apenas a transferência de recursos financeiros, de produtos e mercadorias, mas também a relocação de pessoas, de seres humanos que tomam a difícil e muitas vezes dolorosa decisão de deixar seus amigos e parentes em busca de um futuro melhor. As fronteiras viraram pontes, não apenas barreiras. Pois, como formulou Edward Said em outra questão muito complexa, “quem não pode supor que, no futuro, as próprias fronteiras significarão muito menos que o contato humano ocorrido entre pessoas para quem as diferenças incentivam mais trocas do que mais hostilidades?”⁴³

A intensificação das desigualdades globais fez da migração uma questão humana crucial.⁴⁴ Trata-se de um processo que exige análise a partir de: 1) uma perspectiva e um horizonte mundiais; 2) um entendimento profundo das tensões e equívocos que surgem da proximidade de pessoas que possuem tradições e memórias culturais diferentes; 3) um ponto de vista ético que privilegia os sofrimentos e aflições dos migrantes.

⁴¹ Giovanni SARTORI. *Pluralismo, multiculturalismo e estranei*: saggio sulla società multi-etnica. Sartori considera a imigração islâmica irreconciliável com o pluralismo democrático ocidental e, logo, nefanda para o mesmo. Sua tese é uma reconfiguração sofisticada do confronto multissecular entre culturas cristãs/ocidentais (supostamente abertas, seculares e liberais) e islâmicas/orientais [teoricamente fechadas, dogmáticas e autoritárias], uma nova encenação daquilo que Edward Said chamou com propriedade de “orientalismo”.

⁴² Uma tarefa, à qual não se deu a devida atenção, é a campanha pela assinatura e ratificação, por parte das nações ricas e poderosas, da “Convenção Internacional de Proteção dos Direitos dos Trabalhadores Migrantes e dos Membros de suas Famílias” de 1990, que entrou em vigor em 1º de julho de 2003.

⁴³ Edward W. SAID. *The Question of Palestine*, p. 176.

⁴⁴ Alguns estudiosos, por exemplo, argumentam que o Acordo Norte-Americano de Livre Comércio, NAFTA, que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1994, provocou a destruição de vários segmentos da economia mexicana e tirou a fonte de renda de aproximadamente 2,5 milhões de pequenos produtores rurais e outros trabalhadores do setor agrícola. A alternativa para muitos deles era a dura escolha entre o perigoso e clandestino tráfico de drogas e a igualmente perigosa e clandestina viagem para o Norte por intermédio dos chamados “coiotes”. Ben EHRENREICH. *A Lucrative War*, p. 15-18.

As igrejas e as comunidades cristãs, portanto, precisam contemplar essa questão de uma perspectiva ecumênica e intercultural internacional.⁴⁵ A preocupação principal não é nem deveria ser exclusivamente nossa sociedade nacional, mas toda a estilhada ordem mundial, pois, como já escreveram claramente Soerens e Hwang: “Em última análise, a igreja deve ser um local de reconciliação num mundo em pedaços”.⁴⁶ Numa era em que a globalização prevalece, há questões sociais, entre elas a migração, cujas complexidades transnacionais exigem um diálogo e um debate ecumênico internacional. Uma meta desse processo discursivo é a interrupção da tendência cada vez maior entre países ricos e desenvolvidos de enfatizar a proteção dos direitos civis, entendidos exclusivamente como direitos dos *cidadãos*, *vis-à-vis* a diminuição do reconhecimento dos direitos humanos dos não-cidadãos.⁴⁷

O papa Bento XVI lembrou corretamente à comunidade global, em sua encíclica social de 2009, *Caritas in veritate*, a necessidade urgente de se desenvolver esse tipo de perspectiva internacional e ecumênica da migração:

o fenômeno da *migrações*... [é] um fenômeno impressionante pela quantidade de pessoas envolvidas, pelas problemáticas sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas que levanta... [Nós] estamos diante de um fenômeno social de proporções extraordinárias que exige políticas corajosas e avançadas de cooperação internacional... Todos somos testemunhas da carga de sofrimentos, contrariedades e aspirações que acompanha os fluxos migratórios... [T]ais trabalhadores não podem ser considerados como simples mercadoria ou mera força de trabalho, por isso, Todo migrante é uma pessoa humana que, enquanto tal, possui direitos fundamentais inalienáveis que devem ser respeitados por todos em qualquer situação. [*Caritas in veritate*, 62]

⁴⁵ Raúl FORNET-BETANCOURT. (Ed.). *Migration and Interculturality: Theological and Philosophical Challenges*. Aachen: Missionswissenschaftliches Institut Missio e.V., 2004.

⁴⁶ Matthew SOERENS; Jenny HWANG. *Welcoming the Stranger: Justice, Compassion & Truth in the Immigration Debate*, p. 174.

⁴⁷ Fernando OLIVÁN. *El extranjero y su sombra*. Crítica del nacionalismo desde el derecho de extranjería.

Permita-me concluir, quebrando o caráter predominantemente monolíngue deste ensaio, com alguns versos da canção *Extranjeros*, escrita pelo compositor espanhol Pedro Guerra, na língua dos imigrantes mais ilegais dos Estados Unidos.

Por ser como el aire su patria es el viento
Por ser de la arena su patria es el sol
Por ser extranjero su patria es el mundo
Por ser como todos su patria es tu amor
Recuerda una vez que fuimos así
Los barcos y el mar, la fe y el adiós
Llegar a un lugar pidiendo vivir
Huir de un lugar salvando el dolor.

Referências

BALDERRAMA, Francisco; RODRÍGUEZ, Raymond. *Decade of Betrayal: Mexican Repatriation in the 1930s*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2006.

BALES, Kevin. *Disposable People: New Slavery in the Global Economy*. Berkeley: University of California Press, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Postmodernity and Its Discontents*. Cambridge: Polity Press, 1997.

BLÁZQUEZ RUIZ, Francisco Javier. Derechos humanos, inmigración, integración. In: ZAMORA, José A. (Coord.) *Ciudadanía, multiculturalidad e inmigración*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2003.

BOWE, John. *Nobodies: Modern American Slave Labor and the Dark Side of the New Global Economy*. New York: Random House, 2007.

CARROLL R., M. Daniel. *Christians at the Border: Immigration, the Church, and the Bible*. Grand Rapids: Baker Books, 2008.

CERVANTES GABARRÓN, José. El inmigrante en las tradiciones bíblicas. In: ZAMORA, José A. (Coord.) *Ciudadanía, multiculturalidad e inmigración*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2003.

COMISSÃO EUROPEIA. Roma in Europe: The Implementation of European Union Instruments and Policies for Roma Inclusion. (Relatório de Progresso 2008-2010). Bruxelas: 7 de abril de 2010. SEC(2010) 400 final.

EHRENREICH, Ben. A Lucrative War. *The New York Review of Books*, v. 32, no. 20, 21 de outubro de 2010, p. 15-18.

FANON, Franz. *Peau Noir, Masques Blancs*. Paris: Éditions du Seuil, 1952.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. [Ed.] *Migration and Interculturality: Theological and Philosophical Challenges*. Aachen: Missionswissenschaftliches Institut Missio e.V., 2004.

FRASER, Nancy; HONNETH, Axel. *Redistribution or Recognition? A Political-Philosophical Exchange*. London; New York: Verso, 2003.

FREDRICKSON, George M. *Diverse Nations: Explorations in the History of Racial & Ethnic Pluralism*. Boulder; London: Paradigm Publishers, 2008.

HEIDEGGER, Martin. The Self-Affirmation of the German University. In: WOLIN, Richard. *The Heidegger Controversy: A Critical Reader*. New York: Columbia University Press, 1991, p. 29-38.

_____. *Gesamtausgabe*. Band 16: Reden und andere Zeugnisse eines Lebensweges, 1910-1976. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000, p. 107-117.

HIGHAM, John. *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism, 1860-1925*. New York: Atheneum, 1968.

HOFFMAN, Abraham. *Unwanted Mexican Americans in the Great Depression: Repatriation Pressures, 1929-1939*. Tucson: University of Arizona Press, 1974.

HUNTINGTON, Samuel P. The Clash of Civilizations? *Foreign Affairs*, v. 72, n. 3, Summer 1993, p. 22-49.

_____. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 1996.

_____. The Hispanic Challenge. *Foreign Policy*, março/abril de 2004, p. 30-45.

_____. *Who are We? The Challenges to America's National Identity*. New York: Simon & Schuster, 2004.

IRVIN, Dale. The Church, the Urban and the Global: Mission in an Age of Global Cities. *International Bulletin of Missionary Research*, v. 33, no. 4 de outubro de 2009.

JORDAN, Mark D. *The Invention of Sodomy in Christian Theology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

LaCAPRA, Dominick. *Representing The Holocaust: History, Theory, Trauma*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1994, p. 137-168.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemony and Socialist Strategy: Toward a Radical Democratic Politics*. London: Verso, 2001.

LEONHARDT, David. Truth, Fiction and, and Lou Dobbs. *The New York Times*, 30 de maio de 2007.

MAALOUF, Amin. *In the Name of Identity: Violence and the Need to Belong*. New York: Arcade Publishing, 2000.

MILANOVIC, Branko. Global Inequality and the Global Inequality Extraction Ratio: The Story of the Past Two Centuries. *The World Bank, Development Research Group, Poverty and Inequality Group*, set. de 2009.

MILLER, Stuart Creighton. *The Unwelcome Immigrant: The American Image of the Chinese, 1775-1882*. Berkeley: University of California Press, 1969.

MON, Pyong Gap. (Ed.) *Encyclopedia of Racism in the United States*. Westport: Greenwood Press, 3 vols., 2005.

OLIVÁN, Fernando. *El extranjero y su sombra*. Crítica del nacionalismo desde el derecho de extranjería. Madrid: San Pablo, 1998.

PORTES, Alejandro; RUMBAUT, Rubén G. *Immigrant America: A Portrait*. Berkeley: University of California Press, 2006.

POTOK, Mark. Rage in the Right. *Intelligence Report*, Southern Poverty Law Center, Spring 2010, No. 137 [acessado em www.splcenter.org/get-informed/intelligence-report/browse-all-issues/2010/spring/rage-on-the-right].

RAMÍREZ KIDD, José E. *Alterity and Identity in Israel: The "ger" in the Old Testament*. Berlin: De Gruyter, 1999.

RATHA, Dilip. Dollars Without Borders: Can the Global Flow of Remittances Survive the Crisis? *Foreign Affairs*, 16 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/65448/dilip-ratha/dollars-without-borders>.

RODRÍGUEZ, Richard. *Brown: The last Discovery of America*. New York: Viking, 2002.

SABATO, Ernesto. *Abaddón el exterminador*. Barcelona: Seix Barral, 1992.

SACKS, Jonathan. *The Dignity of Difference: How to Avoid the Clash of Civilizations*. London: Continuum, 2003.

SAID, Edward W. *The Question of Palestine*. New York: Vintage Books, 1992.

SATORI, Giovanni. *Pluralismo, multiculturalismo e estraneità: saggio sulla società multiétnica*. Milano: Rizzoli, 2000.

SCHWEIKER, William. *Theological Ethics and Global Dynamics In the Time of Many Worlds*. Malden; Oxford: Blackwell, 2004.

SOERENS, Matthew; HWANG, Jenny. *Welcoming the Stranger: Justice, Compassion & Truth in the Immigration Debate*. Downers Grove: IVP Books, 2009.

STALKER, Peter. *Workers Without Frontiers: The Impact of Globalization on International Migration*. Geneva: International Labor Organization, 2000.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America*. London: Oxford University Press, 1959.

TRIBLE, Phyllis. *Texts of Terror: Literary-Feminist Readings of Biblical Narratives*. Philadelphia: Fortress Press, 1984.

VOLF, Miroslav. *Exclusion and Embrace: A Theological Exploration of Identity, Otherness, and Reconciliation*. Nashville: Abingdon Press, 1996.

WEST, Cornel. *Democracy Matters: Winning the Fight Against Imperialism*. New York: Penguin Press, 2004.